

RESISTÊNCIAS TÉCNICAS E COGNITIVAS DOS ARTISTAS PERIFÉRICOS DE BLUMENAU: AS MODAS DAS PERIFÉRIAS E O CORPO SEM ÓRGÃOS

Emanuella Scoz¹
Albio Fabian Melchiorretto²

Resumo

Essa pesquisa apresentará uma reflexão sobre as resistências técnicas e cognitivas dos artistas periféricos de Blumenau, a partir do conceito de Corpo sem Órgãos de Deleuze e Guattari. Elas foram percebidas durante a execução do Projeto “Modas Periféricas de Blumenau”, em 2022. Os participantes entrevistados foram moradores de regiões periféricas de Blumenau, artistas, artesãos e performers cujas identidades faziam parte de suas produções visuais. Como local periférico, considerou-se o local de pertença cultural em relação ao contexto de Blumenau, que mantém a colonialidade de poder. O Projeto levou etnofotografia de moda para artistas e produtores visuais periféricos, no intuito de divulgar o conhecimento, reconhecer as identidades periféricas e mapear as criações e produções artísticas e visuais de Blumenau em locais invisibilizados. Para descrever a relação da periferia com o contexto foi efetuada a cartografia e uma análise das fotografias efetuadas durante o Projeto. O conceito de Corpo sem Órgãos fundamentará as discussões em três categorias: a eminência do Corpo sem Órgãos cheio; do Corpo sem Órgãos vazio e/ou do Corpo sem Órgãos canceroso nas produções visuais periféricas. As resistências apresentadas e discutidas a partir desse conceito, relacionaram-se com a cor da pele, gênero, transgeneridade, analfabetismo virtual e moradia em locais distantes da região central, e estão diretamente conectadas às escolhas culturais do rap e hip hop, performance vogue, arte de rua e tradições manuais que, desprezadas do ideal germânico institucionalizado, encontraram local de pertença periférico, e marginalizado, e ali discorrem suas revoluções estéticas nas artes visuais.

Palavras-chave: Periferia. Produções visuais. Resistência.

TECHNICAL AND COGNITIVE RESISTANCES OF PERIPHERAL ARTISTS FROM BLUMENAU. THE FASHIONS OF THE PERIPHERY AND THE BODY WITHOUT ORGANS

Abstract

This research will present a reflection on the technical and cognitive resistance of peripheral artists from Blumenau, based on the concept of Body without Organs by Deleuze and Guattari. They were perceived during the execution of the Project “Modas Periféricas de Blumenau”, in 2022. The interviewed participants were residents of peripheral regions of Blumenau, artists, artisans and performers whose identities were part of their visual productions. As a peripheral location, it was considered the place of cultural belonging in relation to the context of Blumenau, which maintains the coloniality of power. The Project took fashion ethnography to peripheral artists and visual producers, to disseminate knowledge,

¹ Universidade do Estado de Santa Catarina. Doutoranda em Design (UDESC). ORCID < <http://orcid.org/0000-0002-1651-1345> >. E-mail: emanuella_design@hotmail.com.

² Universidade Regional de Blumenau. Doutorando em Desenvolvimento, pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Regional de Blumenau, (FURB). Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (2016). Atualmente está como Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e professor ligado ao Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, SENAC/SC. ORCID <<http://orcid.org/0000-0001-8631-5270>>. E-mail: albio.melchiorretto@gmail.com.

recognize peripheral identities and map Blumenau's creations and artistic and visual productions in invisible places. To describe the relationship between the periphery and the context, cartography and an analysis of the photographs taken during the Project were carried out. The concept of Body without Organs will support the discussions in three categories: the eminence of the full Body without Organs; of the empty Body without Organs and/or the cancerous Body without Organs in peripheral visual productions. The resistance presented and discussed based on this concept, , were related to skin color, gender, transgenderism, virtual illiteracy and living in places far from the central region, and are directly connected to the cultural choices of rap and hip hop, vogue performance , street art and manual traditions that, detached from the institutionalized Germanic ideal, found a peripheral and marginalized place of belonging, and there their aesthetic revolutions in the visual arts unfold.

Keywords: Periphery. Visual productions. Resistance.

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo irá apresentar a cartografia do Projeto “Modas Periféricas de Blumenau”, e uma análise baseada no Corpo sem Órgãos de Deleuze e Guattari (2011), das fotografias de moda executadas durante o projeto. As fotografias do projeto visavam explorar o simbolismo das modas periféricas, estética e visualidades próprias de artistas e moradores das periferias de Blumenau numa proposta que se aproximou da etnofotografia. Dessa forma, pelo conceito do Corpo sem Órgãos, foi possível perceber os riscos e refinamentos promovidos pelas revoluções estéticas nas distintas formas de produção visual oriundas das regiões periféricas de Blumenau.

A etnofotografia de moda das periferias de Blumenau demonstrou o Corpo sem Órgãos cheio, nas liberdades exploradas pelos artistas participantes, em meio a um cerco estratificado, o Corpo sem Órgãos vazio pelo uso da linguagem de poder, que em si, desafia o corpo com órgãos, e o Corpo sem Órgãos canceroso pela resistência ao organismo institucionalizado, o enfrentamento a máquina estatal, com a intenção de impor outra máquina, outro organismo no mesmo lugar.

O Projeto “Modas Periféricas de Blumenau” evidenciou os conflitos socioculturais existentes em Blumenau, aparentes nos experimentos de linguagens visuais, e foram explorados nas fotografias de moda. A fotografia de moda foi explorada, pelos artistas participantes, como um novo recurso técnico e cognitivo. A partir da fotografia de moda, os participantes apresentaram as suas identidades periféricas, constituídas pelo vestuário e pelas produções visuais no próprio corpo. Estando presentes ali as suas identidades, seus corpos, seus objetivos e modos de viver.

Dessa forma, essa pesquisa objetiva apresentar uma reflexão das resistências técnicas e cognitivas dos artistas periféricos de Blumenau, que utilizará o conceito de Corpo sem Órgãos de Deleuze e Guattari (2011).

A cidade de Blumenau é uma das maiores cidades do estado de Santa Catarina e, segundo o Moser (2007), é igualmente a cidade do Estado com maior número de favelas. O IBGE considera favela todos os espaços de “aglomerações urbanas subnormais”. Conforme destaca Moser e Iljuim (2015), favelas são espaços de invisibilidade. Ao propor o Projeto “Modas Periféricas de Blumenau”, os autores buscaram esses espaços invisibilizados no planejamento urbanístico, como nas experiências de vida, cultura e práticas se constituíssem como experiências invisibilizadas no contexto de Blumenau.

No orbe das distintas formas de experiência visual observadas durante o projeto, foram encontradas vivências nas artes visuais, com *Tricot* artístico *Kunststricken*, pintura manual, estamparia artesanal, bordado, costura, confecção de peças com identidade cultural, e a performance de *vogue*³.

O que se percebeu durante a execução do projeto foi uma Blumenau para além da cidade midiaticizada, institucionalizada. Uma Blumenau intercultural (SCOZ; MELCHIORETTO, 2021), que não obtém acesso aos recursos estratégicos para empreendedorismo ou empregabilidade. Uma Blumenau formada por artistas LGBTQIAP+, artistas autodidatas, rappers, artesãos empreendedores que aprenderam os seus ofícios manuais nas tradições familiares, idosos, negros, estudantes de moda, entre outros. Atores que buscam espaços no mercado munidos de talento e vontade.

O conceito de pessoa moradora de periferia considerou aspectos como os discursos culturais, por exemplo: ser *queer*, estar indivíduo periférico, ser negro, a pobreza, a invisibilidade, bem como a institucionalização de uma escolha cultural pautada na germanidade, o ideal colonial na cidade (SCOZ; MELCHIORETTO, 2021), e a marginalização atribuída as artes de rua.

A marginalização da arte de rua pode ser percebida em Blumenau, em janeiro de 2022, após ocorrência de uma arte de grafite realizada num monumento local patrimoniado (WITTMANN, 2022). Sendo criminalizada nas redes sociais pelo Prefeito Mario Hildebrandt (PODE), que intitulou a arte como pichação e crime, e o artista com um criminoso. Alguns

³ Estilo de dança da performance de *drag queens* negras que iniciou no Harlem (EUA) nos anos da década de 1990, imitando o estilo de andar e posar das mulheres brancas e ricas que elas viam desfilando pela Quinta Avenida e posando como modelos nas revistas. Mais sobre o Vogue Dance pode ser visto em McNAIR, Antonie. Dance History Research Paper: Vogue Dance. Undergraduate Journal, Oklahoma City University, v.7, 2013, pp.70-76.

representantes do hip-hop de Blumenau questionaram ser “impossível você prefeito não entender que isso é um protesto referente a falta de cultura e a cultura limitada ou imposta por essa cidade!!!” (ICE_BLACK, 2022).

De acordo com Moser e Iluim (2015), a aparência da cidade como modelo referencial para o desenvolvimento e a história de uma economia pujante destoam da cidade que se esconde atrás dos morros. Para eles, os processos históricos de “limpeza da paisagem”, como a desocupação da Favela da Farroupilha, em 1949, contribuíram para construir uma ideia de distanciamento das áreas mais pobres dos lugares que “crescem economicamente”.

As fotografias foram originadas a partir das concepções visuais do participante, mantendo a sua estética e interesses, e aplicando a sua vivência e produção cultural numa imersão à fotografia de moda. O resultado foram fotografias de moda em que prevaleceu a identidade cultural e a interculturalidade, imanências epistemológicas das criações visuais entre as artes e as modas periféricas. Foi percebida interculturalidade e resistência (SCOZ; MELCHIORETTO, 2021).

A partir de Deleuze e Guattari (1996), utilizou-se o conceito de Corpo sem Órgãos. A reflexão deleuzo-guattariana propõe romper com os limites do dualismo reconhecendo o corpo como multiplicidade. Para eles o mundo se constitui como uma soma de relações de poder e elas se manifestam no corpo. O corpo com órgãos é aquele cerceado pela maquinaria do capital, enquanto o Corpo sem Órgãos é a resistência, ou a voz dos invisibilizados. “O Corpo sem Órgãos é o que resta quando tudo foi tirado” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 11).

A partir do estudo realizado por Waing e Kim (2020), cada expressão observada nas imagens será categorizada em três categorias, o Corpo sem Órgãos cheio (CsO Cheios), o Corpo sem Órgãos vazio (CsO vazio), ou Corpo sem Órgãos canceroso (CsO canceroso), que serão expostos na sessão seguinte. Cada categoria é também a expressão de identidade, tradição e/ou resistências das modas periféricas.

A próxima sessão se destina a apresentar o Projeto “Modas Periféricas de Blumenau”, locais, características dos participantes e culturalidades envolvidas. Seguindo para a análise das produções fotográficas efetuadas durante o projeto, momento em que é esperado lançar um debate acerca das apropriações de sentido das culturalidades envolvidas, expressas na fotografia de moda. Por último, a sessão final que normalmente chama-se de considerações finais.

2 O PROJETO “MODAS PERIFÉRICAS DE BLUMENAU”

O Projeto “Modas Periféricas de Blumenau” foi uma iniciativa dos pesquisadores, submetido ao Edital Emergencial de Cultura Aldir Blanc SC 2021 (BRASIL, 2020), da Fundação Catarinense de Cultura, com patrocínio da Secretaria Nacional de Cultura. A submissão da proposta ocorreu em setembro de 2021, com aprovação e premiação em dezembro de 2022. Executado de janeiro a abril de 2022. O resultado do projeto pode ser visto em Scoz e Melchiorretto (2022).

O projeto foi proposto como experimentação artística, visando buscar de forma imersiva registrar a criatividade e cultura das modas periféricas. Para experimentação foi utilizado o método da fotografia de moda, numa exploração que se aproximou da etnofotografia. Era esperado imergir com a comunidade, utilizando os seus conhecimentos locais, produtos, criatividade, culturas de ser, estar e agir e mostrar, com uso da fotografia de moda, traços característicos da cultura popular das periferias de Blumenau. Com a fotografia, foi feita a produção de moda e maquiagem.

O conceito de moda utilizado para elaboração do projeto a identifica como cultura e arte pelo Ministério da Cultura, no Brasil. Os modos de ser e fazer das periferias de Blumenau, como visto no documentário *A ponte: dividindo aquilo que você não vê* (2017). Ele mobilizou a impreterível necessidade de pesquisar, demonstrar, experimentar a moda nas periferias de Blumenau. Investigar e participar dessa criatividade, dando meios, formas e conhecimento para que a moda possa ser compreendida e experimentada nas periferias, sob ponto de vista mais profissional.

Segundo Tiballi e Jorge (2007), ao final do século XIX a fotografia se afirmou como linguagem visual não verbal. Na etnografia o pesquisador se põe diante da observação imagética, interpretando um contexto nem sempre realista, mas que perpassa pela interpretação do fotógrafo (TIBALLI; JORGE, 2007, p. 66). Já a fotografia de moda, utilizada no Projeto “Modas Periféricas de Blumenau” como um método, abrange o conceito de fotografia e da etnofotografia. Ela funciona “nos mesmos termos que as obras de arte, esculturas, pinturas, *fashion plates*, gravuras e ilustrações para períodos históricos mais remotos, servindo para atestar o uso de uma roupa ou a adoção de um estilo” (RAINHO, 2018, [s.p]).

Ainda, segundo Rainho (2018), as fotografias de moda podem ser vistas como um acessório, que reforça conceitos, temas e fontes textuais, que enfatiza a roupa como o seu portador. A fotografia de moda não pode ser vista como uma representação visual de uma imagem fixa, mas é mecânica que leva, por intermédio de uma mídia, o conceito material da roupa para uma ideia estética. Para Roland Barthes, a fotografia de moda fotografa o mundo

“sob as espécies de um décor, de um fundo ou de uma cena, em suma, de um teatro” (BARTHES, 1979, p. 4).

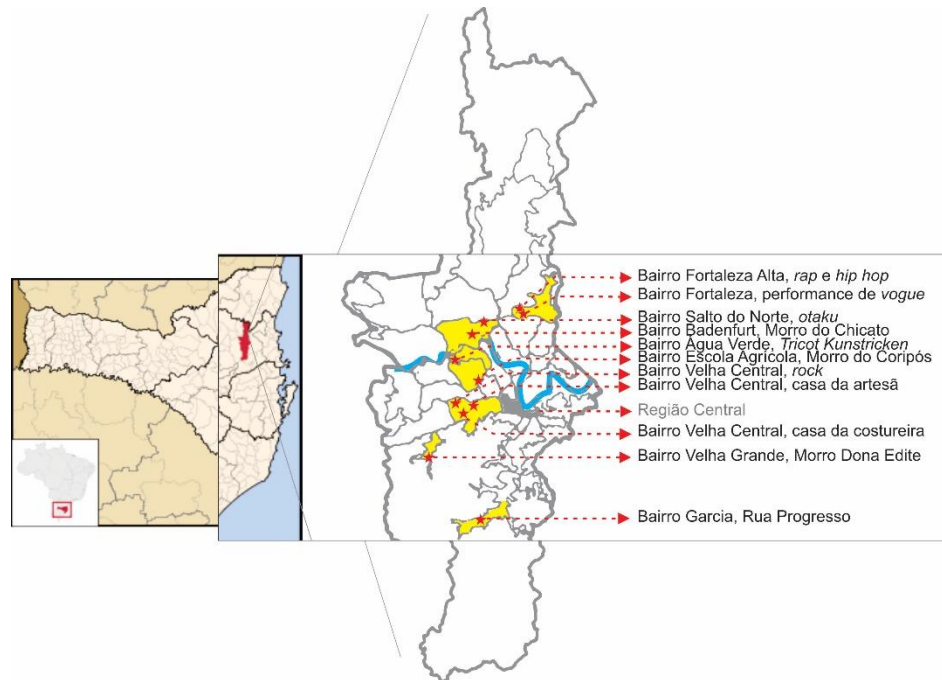
Utilizada como um método, a fotografia de moda insere na produção fotográfica a geração de um conceito. O faz através da construção da cena, e da encenação. É constituída pelas poses, cores, formas, texturas, luzes, sombras, efeitos, ângulos, maquiagem, penteados, expressões, locais, acessórios e demais visualidades presentes. Tudo ali é proposital, tudo é comunicante de algum sentido.

O Projeto “Modas Periféricas de Blumenau” trouxe conhecimento as modas periféricas silenciadas, não aparentes, não reconhecidas, e os modos de ser e fazer das periferias de Blumenau. A cidade escondida, apresentada pela jornalista Magali Moser (2007), continua sem eventos, ações, investimento ou reconhecimento, auxílio fiscal ou quaisquer políticas públicas para desenvolvimento dessa economia criativa das artes e das modas periféricas.

O projeto contou com 11 participantes. Dentre eles, oito produtores de moda que efetuam desenhos, pinturas, bordados, shows, figurino, maquiagem, criação e confecção de peças de vestuário e acessórios, e três moradores que expressam a partir de estilos próprios de vestir, dentro de seus contextos e vivências.

Na imagem a seguir serão apresentados os bairros e locais periféricos que serviram de encontro e formalização das fotografias do projeto, são os locais de moradia dos participantes, mesmo local onde efetuavam suas produções de sentido nas artes e modas.

Figura 1. Territórios do Projeto “Modas Periféricas de Blumenau”



Fonte: figura elaborado pelos autores (2022)

Na Figura 1 é possível observar a região central da cidade preenchida em cinza, inserida para comparação com as demais localidades, os locais em amarelo são os bairros de Blumenau que tiveram participantes no projeto. Dos onze locais de pesquisa, são localidades periféricas o Morro do Coripós, o Morro Dona Edite, e a Rua Eça de Queiroz, outros locais, como o Morro do Chicato, a Rua Progresso, o Bairro Água Verde, e o Bairro Fortaleza e Fortaleza Alta, são locais de difícil acesso ao se considerar alguns aspectos: horários de ônibus urbano, distância das regiões centrais e pouco desenvolvimento urbano.

Outros aspectos foram importantes para o contexto do projeto ao tratar de periferia, foram: a dificuldade de acesso dos participantes as regiões em que ocorrem eventos como feiras locais, e eventos de artes e moda, diga-se, todas regiões centrais. Essa dificuldade de acesso não se tratou apenas do transporte, mas da impossibilidade financeira de arcar com o transporte e com as taxas das feiras, com a falta de acessibilidade do transporte público para pessoas com comorbidades, a dificuldade no uso de mídias sociais e a impossibilidade de acesso diário a internet.

O conceito de periferia utilizado no projeto considerou as culturas não institucionalizadas em Blumenau, como o é a cultura germânica, e são postas à margem da cultura tradicional da cidade, como o rap e o hip hop, *otaku*, e o *vogue*, e outras questões sociais, como a cor negra, a transgeneridade, a homoafetividade e a pobreza, que inserem muitos dos participantes em condições de vulnerabilidade social, e nas minorias.

Ainda, pode-se perceber em três participantes do projeto a dificuldade no acesso a tudo que ocorre de forma digital. Uma certa resistência que ocorreu pela tentativa frustrada em acompanhar fazer parte de uma formação que elas não compreendem. Nelas percebeu-se um enorme conhecimento técnico de sua arte, a construção de visualidades únicas de sua percepção sobre a arte do *tricot*, da pintura de panos de prato, e da costura de peças do vestuário, artes manuais que fazem parte das construções culturais e modas tradicionais da região de Blumenau, incorporadas pelos imigrantes europeus e cuja continuidade ocorreu em família (SCOZ, 2021).

Em Wang e Kim (2020), foi percebida aproximações entre o conceito de Corpo sem Órgãos e as produções fotográficas. As autoras apresentam uma aproximação do Corpo sem Órgãos com a moda, para elas a moda cria relações corporais moldadas pelas relações de poder. Apontam que o corpo com órgãos é escravizado pelo sistema e pelas forças hegemônicas. Das situações de invisibilidade surgem formas de resistência. As formas, libertas ou na tentativa de buscar lugar à margem, tornam-se Corpos sem Órgãos (DELEUZE; GUATTARI, 1996). Dessa forma, encontram-se nas modas periféricas expressividades e identidades culturais próprias.

Existe a intenção, nesta pesquisa, de partir de Wang e Kim (2020), avançar na discussão que as autoras propõem com Deleuze e Guattari. Os corpos como resistência são classificados em três grupos. O CsO Cheio que é um continuum de desejo e de intencionalidades. Ele abre-se as muitas potencialidades. Expressa-se livremente e liberta a pessoa do cerco estratificado que se encontra. Na moda são roupas que se mudam conforme o movimento. Roupas abstratas, livres, sem restrições de ideologias, gênero ou condicionantes sociais. O segundo grupo, o CsO vazio é um corpo paranoico. Aquele que poderia estar viciado. É uma forma de corpo ligado a intensidade dos desejos. Transpira sexualidade. O desejo do grupo também é um desejo do indivíduo na moda, é a roupa que faz conjunto com as tatuagens, piercing, pinturas corporais. A pela humana e a segunda pele se unem. Existe sempre a simulação de algo. O terceiro grupo, o CsO canceroso, é um conceito de resistência que se aproxima do fascismo. O desejo de liberdade convive com o desejo político, onde a busca repete algumas intenções das forças dominantes. Algo próximo à ideia de que o oprimido, ao tomar o poder, torna-se um opressor. Ao construir o lugar da resistência, sofre mutação, o câncer entra e torna o estado hostil. Na moda, o CsO canceroso é o corpo obediente à regra. É aquele que usa o uniforme e elimina os traços individuais.

Na próxima sessão serão apresentadas a análise do projeto, a partir de fotografias divulgadas no livro homônimo (SCOZ; MELCHIORETTO, 2022).

3 O CORPO SEM ÓRGÃOS E AS MODAS PERIFÉRICAS DE BLUMENAU

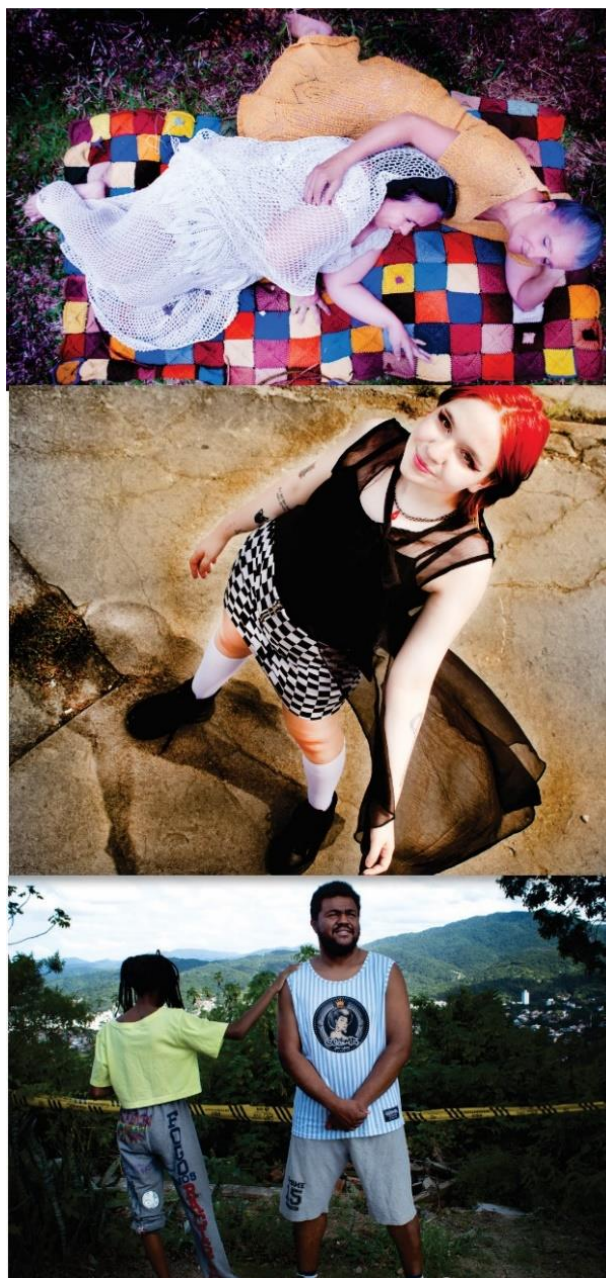
Para Deleuze e Guattari (1996), o Corpo sem Órgãos é uma ideia sobre a estética corporal. Para eles, o corpo pode ser representado por três linhas: a linha molecular representa o corpo rígido, fechado e sem costuras. É o corpo com órgãos, sempre cheio de algo. Nunca se abre para outra possibilidade porque o espaço já foi ocupado. Opera numa lógica binária de causa-efeito. A segunda linha é o corpo molar, ele consegue de quebrar a binaridade, se move em direção ao Corpo sem Órgãos, mas ainda guarda consigo alguns resquícios. Possui uma capacidade ampla de transformação, mas não se liberta totalmente das amarras que o prende. A terceira linha é a da fuga, o corpo do escape. Ele não é mais codificado por máquinas, está vazio e aberto para viver uma experiência verdadeira humana. O corpo do escapa é aquele sem órgãos, livre, leve e vazio, pronto para a plasticidade da vida humana.

O Corpo sem Órgãos é aquele que se constitui numa linha de fuga. É a forma de resistência. A realidade fotografada no “*Modas Periféricas de Blumenau*” (2022), evidencia uma população marginalizada vivendo em situação de risco e vulnerabilidade. Sofrem com a ação da máquina e através da produção de moda, encontram possibilidade de fuga. A moda é uma forma de resistência e de grito. Se o capital produz um decalque de favelados, os artistas/artesãos constroem, por meio da sua arte, um mapa com diversas aberturas. É um corpo vazio com o desejo de ser outra coisa.

Apresentada algumas linhas contextuais, na sequência, as fotos do projeto, serão categorizadas em três grupos, os mesmos grupos apontados por Wang e Kim (2020). A Figura 2 foi elaborada uma montagem com três fotografias do Projeto “*Modas Periféricas de Blumenau*”, cada imagem da montagem apresenta um dos produtores de moda contactados.

Para Deleuze e Guattari (1996, p.12) “o CsO é feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades. Somente as intensidades passam e circulam. Mas o CsO não é uma cena, um lugar, nem mesmo um suporte onde aconteceria algo”. São três fotos que representam três intensidades diferentes. Circulam o poder de maneira diferente.

Figura 2. CsO Cheio



Fonte: Scoz e Melchiorretto (2022). Foto manipulada pelos autores.

A primeira imagem de cima para baixo apresenta o *Tricot Artístico Kunststricken*, técnica adquirida em família sendo perpassada como fonte de renda pela artesã. Nela é vista o CsO cheios, o fazer roupa como resistência, um jeito de fazer moda livre e sem restrições, uma vez que nessa prática a artesã renuncia à produção em série para pensar peças únicas e exclusivas, que mudam conforme o corpo e como pedido do cliente.

Mesmo que exista uma relação comercial, o foco está na relação individualizada, o que pode ser percebida na fotografia cheia de afeto, há o abraço, os pés descalços, a colcha de retalhos de *tricot*. A fotografia de moda, nos seus usos e contextos, caracterizou o consenso

entre duas individualidades, cores, formas, maquiagem, cabelo, volumetria e pose estão diferenciadas em cada uma.

A segunda imagem, ao meio da montagem da Figura 2, apresenta uma moradora periférica realizando *cosplay* de personagens de anime. Ela cria as próprias peças e bijuterias com essa temática. Na imagem é possível ver que a vivência dessa prática pelas construções visuais estéticas e no próprio corpo.

Ali os CsO cheios são percebidos, pois, há liberdade da pessoa em relação ao cerco estratificado. Há a forma de mostra-se, mas com ela há o acessório, o simbólico que marca que além da produção em série, existe um estado livre e sem restrição. É a roupa, mas com ela estão os acessórios que falam. Ela é a personagem central e figura na imagem acompanhada da sua própria sombra refletida no chão rachado inacessível e periférico, e ao topo do colo está o colar de produção manual da artesã.

A terceira imagem da Figura 2 apresenta a marca Cosme, que recebeu o sobrenome do artista ilustrador autodidata Cosme, morador periférico efetuando em equipe, com a família, criações de empoderamento negro. A fotografia foi feita no alto do morro do Coripós, em frente a faixa de atenção que restringe o acesso ao topo, local considerado perigoso pela Defesa Civil de Blumenau, após deslizamentos da enchente de 2011, na calça há a inscrição “fogo nos racistas”, no centro da camiseta do protagonista está a logo da marca, uma princesa negra de Black Power, em *lettering* de grafite. No fundo da foto é possível ver a vista do morro: o centro da cidade de Blumenau.

A foto do Cosme é a marca da favela. É a representação de identidade que se mostra visível diante da caricatura que sobre ele foi marcada. Se existe um discurso hegemônico, a marca mostra uma reterritorialização do próprio discurso. É o movimento de que vem está no outro lado do discurso e estabelece a multiplicidade como resistência.

Na Figura 3, a primeira foto acima apresenta criações autorais de *upcycling* efetuadas pela artista transgênero fotografada, da pintura das peças aos *dreads* e tranças, tudo remete a identidade própria da autora, que se autointitula mulher-trans-artista-preta e da periferia. Ela está a frente muro azul com girassóis, pintura feita por uma artista local num muro de contenção de barragem, no bairro de moradia da artista.

Figura 3. CsO vazios



Fonte: Scoz e Melchiorretto (2022). Foto manipulada pelos autores.

A segunda fotografia da imagem apresenta uma performance artística de *vogue*, da roupa em material reflexivo vermelho com prendedores metálicos, até o cabelo e a maquiagem com temática inseto, tudo foi criação autoral da artista para performance no projeto. Ela segura uma fruta vermelha nos lábios. Segundo Deleuze e Guattari (1996, p.13) “Órgãos sexuais aparecem por todo o lado (...), o organismo inteiro muda de textura e de cor, variações alotrópicas reguladas num décimo de segundo”. A roupa é mais do que um adorno de cobertura. Há uma linguagem de poder que desafia o corpo com órgãos. A existência do CsO vazio é uma forma de resistência, sem a necessidade de nenhum discurso, senão a própria roupa e o conjunto das coisas que se fazem com ela.

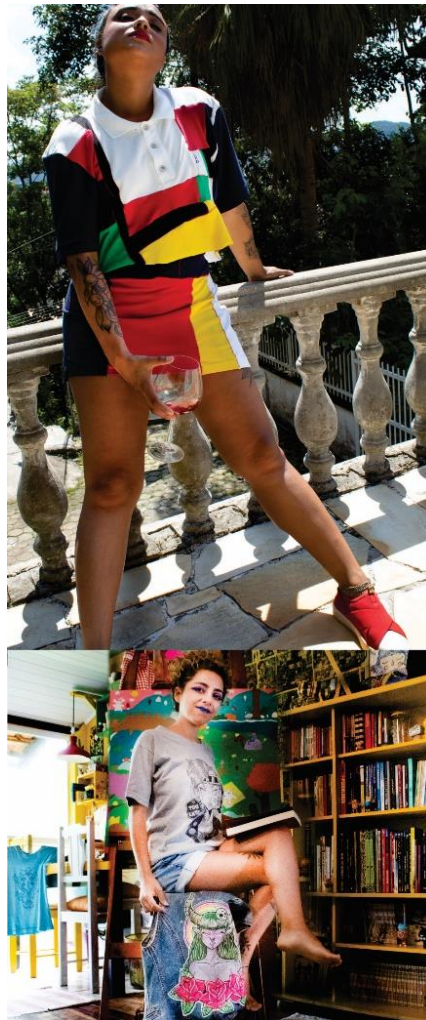
As fotografias que compõem a Figura 3 marcam a potencialidade do desejo. Rompem as formas produtivas hegemônicas para produzir outra intensidade. É o corpo trans ferido pela heteronormatividade. As duas fotos representam dois ideias, mas também representa a

intensidade de um grupo, de uma escolha, de uma vontade de ser. É uma multiplicidade de fusão, seja de uma cor que desafia os padrões ou de uma corte que provoca a norma.

As *tattos* e os piercings foram uma segunda pele. Eles estão aí, independente do ensaio. Continuaram aí após o ensaio. É aquilo que Deleuze e Guattari (1996), chamaram de prazer-desejo. “O desejo não se submetia à procriação nem mesmo à genitalidade” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 14).

A Figura 4 mostra, na primeira fotografia de cima para baixo, este tipo de prazer-desejo. A segunda pele dá um tom maior que as roupas e se faz presente sem a necessidade do tecido. Nota-se, como na Figura 3, a existência de adornos corporais definitivos e transitórios.

Figura 4. CsO vazios e seus adorno



Fonte Scoz e Melchiorretto (2022). Foto manipulada pelos autores.

As composições feitas na fotografia de cima, da roupa de polo que é criação de *upcycling* da *designer*, com a presença da taça de vinho, a pose de descanso, um anteparo de cimento

antigo, somadas a segunda pele, demonstra a intensidade da imanência. Representa a superação das dores e das humilhações que o capital impõe ao devir-mulher; devir-negra; devir-trabalhadora. Na segunda foto da Figura 4, uma modelo está sentada no território de criação de artistas autodidatas. Ela é cercada pelas criações e referências. Observa o observador e sorri. Da maquiagem ao cabelo a escolha foi feita ponderando chocar, brilhar, ruir e divertir, como conceito da própria marca.

A foto evidencia uma forma de desejo diferente das anteriores. Há vários elementos que se cruzam, da infantilidade do desejo a mitologia de seres imaginários que ora são animais, ora deuses ou demônios. É um corpo paranoico. Há sempre a simulação de algo que atravessa o corpo, seja pela *tatto*, ou pela roupa. Mas nunca é coisa única, sempre a multiplicidade. Na foto a seguir será trazida uma análise a partir do CsO cancerosos.

Figura 5. CsO canceroso



Fonte: Scoz e Melchiorretto (2022). Foto manipulada pelos autores.

Na Figura 5 estão presentes, na primeira foto de cima para baixo, a produção de panos de prato da artesã participante. Na fotografia de moda o conceito foi trazido da pintura a óleo que está ao fundo da fotografia, de autoria da artesã, que retratou um sonho recorrente: um campo de pessegueiros.

Os panos de prato foram inseridos a frente da pintura, representando uma montanha, sobre a qual há neve. Essa imagem transcende o produto e adentra na expressão da própria vida da artesã, nos seus sonhos. Essa produção foi feita, justamente, para sair da norma constituída em torno do que é imaginar, ver um pano de prato pintado.

A segunda foto retrata um modelo negro, cantor e compositor de músicas de hip hop. Morador da periferia, ele se orgulha de pertencer ao movimento do rap da cidade, e relata as dificuldades do rap e do hip hop em pertencer a Blumenau, num sentimento de inviabilidade que escapa das suas possibilidades como cidadão negro periférico. Blumenau conserva a colonialidade de poder (SCOZ; MELCHIORETTO, 2021), sobrepujando a cultura e história germânica às demais, e criando local onde os discursos hegemônicos proliferam e se institucionalizam, marginalizando e criminalizando os demais, como visto em *Ice_Black* (2022), e Wittmann (2022).

Segundo Deleuze e Guattari (1996, p.19), “percebemos pouco a pouco que o Corpo sem Órgãos não é de modo algum o contrário dos órgãos. Os seus inimigos não são os órgãos. O inimigo é o organismo”. Essa categoria de CsO canceroso evidencia uma regra ou valoriza a uniformidade das ações, ou a roupa como uniforme. Mas é a institucionalidade de um organismo.

Na segunda fotografia da imagem da Figura 5 o modelo evidencia dois movimentos. O primeiro é de resistência. Uma situação em que o desejo é visto como um meio político diante da situação de marginalidade que se encontram. Ao mesmo tempo, forma-se um grupo, a partir da marginalidade, mas ele é fechado, é enfrentamento a máquina estatal, com a intenção de impor outra máquina, outro organismo no mesmo lugar. Até se desenvolve uma luta, mas é a luta por outro organismo que exerce certo tipo de poder sobre outrem. É uma manifestação hostil de poder. Para além das roupas, há letras do estilo, no caso hip hop que trazem certa hostilidade.

Para Deleuze e Guattari (1996, p.20), “O CsO grita: fizeram-me um organismo! dobraram-me indevidamente! roubaram o meu corpo!”. Os panos de louça são assim. É arte, são únicos, são muitas coisas, mas são panos de louça. Há uma lógica de resistência que é a forma pelo qual foram construídos. Há uma possibilidade de visibilidade diante da cultura de

massa. Há tudo isso, mas ainda são panos de louça. Talvez, e só talvez, a invisibilidade resida naquilo que ele é institucionalizado como pano de louça, e não na imanência que da arte que nasce dele. Oscila entre dois polos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das fotografias de moda constituídas no Projeto “Modas Periféricas de Blumenau”, foi possível observar a existência de Corpos sem Órgãos, tangenciando a leitura deleuzo-guattariana, além das concepções contemporâneas da visualidade das modas e da arte periférica como expressões de tradição e resistência. Quanto a resistência, viu-se que toda a expressão da periferia resiste ao não pertencimento, e não pertencendo ao hegemônico recria-se o local de existência, resistem a ser arrancados de si na institucionalização de contextos que excluem as expressividades pessoais, incluindo os sujeitos numa forma generalizada e simplista de cultura.

Há nas artes e Projeto “Modas Periféricas de Blumenau” uma heterogeneidade nas produções, concepções e vivências que exalam a identidade cultural própria dos artistas e artesãos moradores das periferias, transformando e recriando as tradições.

REFERÊNCIAS

A PONTE: dividindo aquilo que você não vê. Direção de Arthur Francis Azevedo. Produção de Diego Lottin. Blumenau: Microponto Produções, 2017. (61 min.), color. Disponível em: <https://youtu.be/yBAQOB03C6A>. Acesso em: 19 jul. 2022.

BRASIL. Lei n. 14.017. Lei n. 14.017, de 29 de junho de 2020. Dispõe sobre ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo no 6, de 20 de março de 2020. . 20 mar. 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2.** 2. Ed. São Paulo: Editora 34, 2011. v. 1.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2.** São Paulo: Editora 34, 1996. v. 3.

ICE_BLACK. **Desrespeito com Blumenau e a sua história.** Blumenau. 05 de janeiro de 2022. Instagram. @hildebrandtmario. <https://www.instagram.com/p/CYWlyOqLbB6/>. Acesso em 19.jul.2022.

MOSER, Magali; IJUIM, Jorge Kanehide. A prática da invisibilidade social sobre as áreas de concentração de pobreza na imprensa de Blumenau (SC). **REBELA - Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos**, v. 5, n. 1, p. 132–145, mar. 2015.

MOSER, Magali. **Cidade escondida**. Série de reportagens. Jornal de Santa Catarina, dias 24; 25; 26 e 27 de fevereiro de 2007.

McNAIR, Antonie. **Dance History Research Paper**: Vogue Dance. Undergraduate Journal, Oklahoma City University, v.7, 2013, pp.70-76. Disponível em < <https://www.okcu.edu/uploads/arts-and-sciences/english/docs/Stellar2013.pdf#page=71> >. Acesso em 20.07.2022.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. Imagens encenadas? Atos performativos e construção de sujeitos nas fotografias de moda. **Revista Estudos Ibero-Americanos**, v.44, n.1, pp.28-40, 2018. Acesso em 19.07.2022. Disponível em < <https://www.redalyc.org/journal/1346/134656475005/html/>>.

SCOZ, Emanuella. Moda e Memórias no Vale do Itajaí: Registros Mnésicos de Moradoras do Vale. **Revista do Ensino de Artes Moda e Design REAMD**, 2021, v. 5 n. 2, pp. 224 – 239. Disponível em < <https://www.revistas.udesc.br/index.php/ensinarmode/article/view/19778>>. Acesso em 26.07.2022.

SCOZ, Emanuella; MELCHIORETTO, Albio Fabian. **Modas Periféricas de Blumenau**. Fotolivro. Blumenau: [s.n.], 2022. Disponível em <https://issuu.com/albiofabian/docs/modas_perifericas_de_blumenau>

_____. Reterritorialização como um dos fatores relevantes para políticas públicas culturais de base comunitária em Blumenau. **Iberoamérica Social, Mundos en Movimiento y fuerzas instituyentes en iberoamérica**. v. 9, n. XVI, p. 60–87, 2021. Disponível em < <https://iberoamericasocial.com/reterritorializacao-como-um-dos-fatores-relevantes-para-politicas-publicas-culturais-de-base-comunitaria-em-blumenau/>>. Acesso em 26.07.2022.

TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes; JORGE, Luiz Eduardo. A Etnografia como meio de conhecimento no campo da educação. **Revista Habitus, Goiânia**, v.5, n.1, jan. Jun. 2007, pp.63-76. Acesso em 19.07.2022. Disponível em < <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/377/314>>.

WANG, Xin-yu; KIM, Hyun-Joo. An Expression of the theory of “Corps san Organes” of Deleuze in Contemporary Fashion Design. **Journal of Digital Convergence**, v. 18, n. 12, p. 513–523, 28 dez. 2020.

WITTMANN, Angelina. **Ponte Aldo Pereira de Andrade - Pilar de Granito vandalizado - janeiro de 2022 - Um pouco de História**. 5 de janeiro de 2022. Acesso em 19.07.2022). Disponível em < <https://angelinawittmann.blogspot.com/2022/01/pilar-de-granito-centenario-da-ponte.html>>.

Submetido: 03/12/2022
Aceito: 12/12/2022